

O QUE TORNA UMA ANÁLISE DISCURSIVA? PERCURSO HISTÓRICO DE COMPREENSÃO¹

WHAT MAKES AN ANALYSIS DISCURSIVE?
HISTORICAL JOUR OF UNDERSTANDING

¿QUÉ CONVIERTE UN ANÁLISIS EN DISCURSIVO?
RECORRIDO HISTÓRICO DE COMPRENSIÓN

*Carine Fonseca Caetano de PAULA**
*Antônio FERNANDES JÚNIOR***

Resumo: Em meio a outros tipos de análise das linguagens – como, por exemplo, as análises de conteúdo, análise semiótica, literária ou das imagens – a necessidade de compreender a Análise do Discurso (doravante AD) como um campo teórico-metodológico e buscar pela especificidade daquilo que a torna propriamente discursiva, diferenciando-a de outros tipos de análise, é o objetivo de desenvolvimento deste artigo. Para isso, optou-se por traçar um breve percurso de compreensão acerca do modo de operar da análise discursiva, como ela se constitui epistemologicamente em um campo científico, na perspectiva pecheutiana, para, ao final, apresentá-la como uma análise “crítica” da linguagem, dando ênfase à relação entre Discurso e História.

Palavras-chave: Análise de Discurso; História; Michel Pêcheux.

Abstract: Among other types of language analysis – such as, for instance, content, semiotic, literary or image analyses – the need for understanding Discourse Analysis

¹ Este artigo apresenta uma versão modificada de parte do capítulo 1 da dissertação “Sobre saberes e verdades” (PAULA, 2014) defendida no Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, PMEL, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão e disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3816>>; é também parte dos estudos realizados em Estágio de Pós-Doutoramento na Universidade Federal de São Carlos com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG.

* Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre em Estudos da Linguagem, linha Texto e Discurso, pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – Catalão – Goiás – Brasil. Contato: cacacaetano@bol.com.br.

** Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – Catalão – Goiás - Brasil. Contato: tonyfer@uol.com.br.

(henceforth DA) as a theoretical-methodological field and seek for the specific element that characterizes it as discursive, apart from other types of analysis, is the goal of this article. In this order, this text decided to draw a brief course to understand how a discursive analysis works, how it is epistemologically created in a scientific field, in Pecheux's perspective, to finally present it as a "critical" language analysis, focusing on the relation between Discourse and History.

Keywords: Discourse Analysis; History; Michel Pêcheux.

Resumen: En medio a otros tipos de análisis de los lenguajes – como, por ejemplo, los análisis de contenido, análisis semiótico, literario o de las imágenes – la necesidad de comprender el Análisis del Discurso (en adelante AD) como un campo teórico-metodológico y buscar por la especificidad de aquello que la convierte en algo propiamente discursivo, distinguiéndola de otros tipos de análisis, es el objetivo de este artículo. Para eso, se optó por trazar un breve recorrido de comprensión alrededor del modo de funcionamiento del análisis discursivo, como se constituye epistemológicamente como un área científica, en la perspectiva de Pecheux, poniendo énfasis en la relación entre Discurso e Historia.

Palabras clave: Análisis del Discurso; Historia; Michel Pecheux.

1 Análise discursiva: primeiras considerações

Se partirmos de uma necessidade de compreensão mais imediata, a análise discursiva indica ter um caráter fortemente instrumental, configurando-se como uma metodologia aplicável a quaisquer objetos, sejam eles textos literários, jornalísticos, produtos midiáticos ou mesmo imagens, corpos e acontecimentos sócio-históricos, todos eles passíveis de uma análise discursiva mediante a aplicação de alguns "conceitos operatórios". Impressão inicial que não deixa de ser pertinente mas, à medida que se busca estabelecer com o campo da Análise do Discurso (doravante AD) uma relação menos pragmática e mais historicamente crítica, essa impressão cede espaço à uma compreensão mais criteriosa, principalmente a partir da leitura de autores como Gregolin (2007, 2013), Fernandes (2008), Sarfati (2010) e Maldidier (2003). Para esses autores, o caráter aplicativo da AD se justifica pelo modo específico de operar da própria análise discursiva, num cotejar incessante entre teoria/objeto/análise e numa transdisciplinaridade inerente ao próprio campo, tendo como principal característica, conforme Ferreira (2005, p. 41), o fato de a AD ser "uma teoria crítica da linguagem". Se há uma dimensão instrumental

inerente à análise discursiva, é bom reforçar, desde o início, que ela não prescinde à dimensão histórica de constituição do campo em suas nuances epistemológicas e teóricas que são muitas; e é sobre esta última dimensão que recairá a ênfase deste artigo para, ao final, reforçar a perspectiva crítica que a AD pode oferecer aos estudos das linguagens em geral.

Malidier (2003) menciona que nas implicações entre teorias, procedimentos analíticos e objetos, teoria e análise de discurso são dimensões distintas, de modo que o campo, desde sua constituição histórica, “se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento” (MALDIDIER, 2003, p. 16). Essa particularidade confere à AD a característica de ser uma ciência

em que a análise precede, em sua constituição, a própria teoria. Ou seja, é porque o analista tem um objeto a ser analisado que a teoria vai-se impondo. Não há uma teoria já pronta que sirva de instrumento para a análise [...] (MALDIDIER, 2003, p. 10).

A linguagem materializada em um objeto discursivo e os sentidos que nela se inscrevem, seja essa materialidade verbal ou não-verbal, requer um dispositivo analítico e ele é dado pelo objeto da análise e não, *a priori*, pela teoria, desde que, obviamente, as especificidades teórico-metodológicas que caracterizam o campo da AD sejam resguardadas. Em fala proferida em minicurso, Gregolin (2013) afirma que “são os objetos que reclamam as teorias; a teoria é sempre um pouso provisório; é o objeto que exige, conforme sua natureza, que nos desloquemos para outras teorias”, de modo que trabalhar com materialidades não-verbais, por exemplo, exige ênfase em alguma teoria semiológica das imagens, mais do que em teorias linguísticas; ou investigar um objeto discursivo a partir de sua “espessura” sócio-histórica, pede ênfase nas condições sociais e históricas de produção desse objeto.

Nesse sentido, Gregolin (2013) ainda lembra que é necessário efetuar deslocamentos de teorias já institucionalmente pensadas em outros campos do saber para o campo da análise discursiva, o que confere à AD também a característica de ser um campo transdisciplinar. Sarfati (2010, p. 105-106) coloca o exercício da

transdisciplinaridade por parte dos analistas do discurso como uma tendência essencial ao campo, quase uma exigência, “uma vez que seu objeto (o discurso) estabelece imediatamente diversos pontos de contato com um conjunto de disciplinas conexas (história, filosofia, sociologia, psicologia, literatura etc)”, conferindo um caráter móvel às fronteiras do campo da AD.

Se essas especificidades no modo de operar da análise discursiva conferem a ela uma ampla aplicação, o alerta quanto ao rigor metodológico e conceitual feito por Courtine (FERNANDES, 2010), Piovezani e Sargentini (2011), Gregolin (2007) e Ferreira (2005) é outro ponto importante a ser colocado, uma vez que se corre o risco de fazer o uso indiscriminado dos conceitos e procedimentos analíticos. Ferreira (2005, p. 45), ao escrever sobre o quadro atual da Análise do Discurso no Brasil, afirma que o deslocamento da AD da Linguística e sua maior circulação “nas áreas-fronteiras das ciências humanas como a História, a Filosofia, a Sociologia e a Psicanálise” configuram-se num “perigo”, já que “alguns de seus conceitos (podem) ser banalizados e seu aparato teórico ser reduzido a ‘método de análise do discurso’”. Piovezani e Sargentini (2011, p. 24) também comentam sobre o risco que toda “ampla circulação de uma disciplina” traz consigo, especificamente naquilo que diz respeito à “banalização das noções”, aos “descuidos metodológicos” e à sua “vulgarização”, principalmente se as pesquisas discursivas se ativerem à “reprodução de práticas e pensamentos” e “recitação de conceitos”, e não avançarem no emprego efetivo de suas noções.

Em entrevista ao professor Cleudemar Fernandes, Courtine também alerta acerca da banalização metodológica da AD, ao lembrar que os conceitos discursivos precisam ser experimentados de forma “mais consistente e sistemática” no *corpus*:

é preciso que se questione o valor heurístico desses conceitos não os colocando à prova de três ou quatro panfletos políticos, enunciados publicitários ou recortes de imprensa, mas colocando à prova materiais históricos amplos, densos, complexos (FERNANDES, 2010, p. 24).

Gregolin (2007), numa direção parecida com a de Courtine, atenta para a necessidade de se “interrogar o solo epistemológico e

político” dos conceitos, refazendo as historicidades do campo para que o “percurso de construção conceitual” não seja banalizado. Para a autora, “[...] há um esquecimento da história que leva, hoje, à aparente confusão entre propostas, à ideia de que tudo e qualquer coisa que se faça é ‘análise do discurso’” (GREGOLIN, 2007, p. 9).

Em um campo marcado pela transdisciplinaridade e a existência de várias analíticas dedicadas às linguagens, num entrecruzamento de abordagens provenientes de matrizes epistemológicas e teóricas distintas, respeitar o percurso histórico dos conceitos indica uma preocupação metodológica necessária ao campo da AD. Adotar esse percurso metodológico na pesquisa discursiva pode ser importante para, conforme Ferreira (2005, p. 41), não se “cair na tentação de encará-la como disciplina de caráter meramente instrumental, sem especificidade própria. E isso definitivamente ela não é”, completa a autora.

Para além da mera aplicação de conceitos, a Análise do Discurso é um campo com fundamentos epistemológicos e teóricos, uma análise com especificidades no modo de operar e ainda, internamente, o campo se constitui a partir de diferentes abordagens teórico-metodológicas². Piovezani e Sargentini (2011, p. 11) lembram que no Brasil há uma heterogeneidade de orientações teóricas e métodos “vindos de alhures” e, além da análise do discurso de linha francesa, citam também “[...] a Análise do discurso anglo-saxã, a Análise da Conversação, a Linguística Textual e a Semiótica greimasiana”. Embora não seja objetivo construir um quadro teórico de exposição das diferentes abordagens discursivas, um mapeamento do campo da AD, sem a pretensão de fazer analogias e aprofundamentos, pode ser útil na identificação das diferentes tradições teóricas que o comportam, além de orientar as pesquisas, conforme coloca Ferreira (2008):

Esse zoneamento espacial da Análise do Discurso, da forma como vem se estruturando entre nós, mostra também em que direção nos

²Em grande medida, essa compreensão de que o campo da AD se constitui de diferentes abordagens teóricas se deve à participação no *IV Encontro em Análise do Discurso: fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas* realizado na UNESP/Araraquara, em agosto de 2013, evento que reuniu pesquisadores de diferentes abordagens discursivas.

movemos, quais são as nossas referências primordiais, em que consiste nossas escolhas, onde se situam as diferenças de objetos, conceitos e métodos que produzimos, com nossa prática, em nosso próprio campo teórico (FERREIRA, 2008, p. 37).

Na tarefa de indicar esse breve “zoneamento espacial” das tradições e abordagens teóricas, Gregolin (2013) é providencial ao mencionar três tradições e os autores em torno dos quais os estudos discursivos se organizam: a tradição francesa de Michel Pêcheux, Michel Foucault e, mais recentemente, Dominique Maingueneau; a AD de filiação aos postulados do russo Mikhail Bakhtin, atualmente conhecida como “Círculo de Bakhtin”; e, por fim, a tradição anglo-saxã que se auto-intitula Análise Crítica do Discurso (ACD) centrada, principalmente, nas pesquisas do norte americano Norman Fairclough. Essas diferentes tradições e abordagens teóricas podem ser mais detalhadamente exploradas nas produções científicas realizadas pelos grupos de pesquisa já consolidados que formulam, em torno de cada um desses autores, suas problematizações³.

Apesar das nuances epistemológicas e teóricas dessas diferentes abordagens discursivas, de acordo com Gregolin (2013), há uma especificidade que as une e ela está na concepção de que: “só há análise de discurso se houver articulação entre uma teoria da linguagem, uma teoria do histórico-social e uma teoria do sujeito”; e os discursos, objetos da análise, se caracterizam por serem “produção e recepção de efeitos de sentidos elaborados por sujeitos sócio-históricos e materializados em algum tipo de linguagem”, contemplando tanto objetos verbais/textuais quanto objetos não-verbais, como as imagens, ou ainda longas formações histórico-discursivas, como as ciências, por exemplo.

³ No Brasil, existem vários grupos de pesquisa em Análise do Discurso e seus integrantes seguem distintas orientações teórico-metodológicas, seja no campo dos estudos linguísticos ou em áreas afins, tais como a Educação, a Sociologia etc. Ao acessar a base de dados do CNPq, o leitor poderá efetuar uma busca mais ampla de grupos de AD de áreas distintas ou, se preferir, pesquisar por grupos vinculados aos estudos linguísticos. Para a primeira opção, seguir o *link*: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>; a segunda opção está disponível no seguinte endereço: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf>.

Interessante é perceber que, nessa especificidade e independente da orientação discursiva, o propósito de ser a Análise do Discurso uma “teoria crítica da linguagem” (FERREIRA, 2005) ou “uma prática que permite agir sobre os mecanismos da ideologia e que autoriza a expressão rigorosa de um olhar crítico” sobre os discursos, se faz presente. (SARFATI, 2010, p. 115). Sob uma perspectiva mais contemporânea, pode-se pensar a AD como uma analítica crítica da linguagem que permite agir sobre os mecanismos de produção, circulação e apropriação dos sentidos inscritos e naturalizados nos discursos; um mecanismo para descortinar as formas de dominação inscritas e atuantes nas e pelas discursividades, como nos sugere Gregolin (2013).

2 Constituição do campo da AD: entre a História e a Linguística

Pensando que cada campo do conhecimento científico tem um modo específico de constituir e tratar sua problemática, fazer o percurso histórico de formação do campo da AD é buscar pelos pensamentos e autores que o constituíram enquanto campo científico, tendo em Michel Pêcheux sua figura fundadora. Gregolin (2007, p. 10) coloca a necessidade de “recuperar a historicidade da constituição” do campo da AD, procurando

revolver o solo que possibilitou o aparecimento de uma *teoria do discurso* dentro de um campo de pesquisas que convencionalmente denomina-se *análise do discurso de linha francesa* e que tem em Michel Pêcheux o seu centro de gravitação.

Sob a coordenação de Pêcheux, organizou-se um grupo de pesquisadores que muito contribuíram para o projeto de constituição de uma teoria do discurso, na perspectiva da AD. A leitura de Maldidier (2003) deixa bem claro que as pesquisas eram feitas coletivamente. Nas palavras da autora, Michel Pêcheux era um “filósofo que se tornou linguista, sem deixar de ser filósofo” (MALDIDIER, 2003, p. 97) e juntamente com ele, outros pesquisadores foram imprescindíveis nos rumos que as pesquisas tomaram, principalmente, nos anos finais do projeto pecheutiano: alguns linguistas e psicólogos simpáticos à

informática, nos primeiros anos⁴; outros importantes na “reviravolta da conjuntura teórica” dos anos 1976-1979⁵; e ainda aqueles que nos anos 1980 introduziram reformulações teóricas tanto do ponto de vista histórico, caso de Jean-Marie Marandin e Jean-Jacques Courtine, quanto do ponto de vista linguístico como, por exemplo, Jacqueline Authier-Révuz⁶.

Ferreira (2005, p. 39) conta que o início da AD na França “coincide com o auge do estruturalismo, como paradigma de formatação do mundo, das ideias e das coisas para toda uma geração da intelectualidade francesa”. Também Gregolin (2007) lembra que foi num momento histórico em que os paradigmas das ciências humanas passavam por uma grande transformação que o campo da AD se constituiu. A autora fala de uma “aventura estruturalista [...] que sacudiu as ciências humanas do século XX” (GREGOLIN, 2007, p. 19), firmando-se soberana a partir dos anos 1950 até o final da década de 1970, entrando em crise a partir de 1980. A linguística fundada por Saussure teve, então, relevância primordial na difusão das ideias estruturalistas, sendo seu “Curso de Linguística Geral”, de 1916, um marco teórico que faz da linguística a ciência renovadora das ciências humanas, com a introdução de novas problemáticas tais como a concepção de linguagem na perspectiva da comunicação, a formalização das relações, a relação com a História e a própria noção de discurso.

Além do estruturalismo, nessa mesma época, o marxismo, numa releitura via Althusser, também obteve forte presença nas

⁴ No tempo das grandes construções, alguns nomes tais como Paul Henry, matemático e linguista, Michel Ploin, psicólogo, e ainda Jacqueline Léon, Antoine Culioli, Catherine Fuchs, Claudine Haroche.

⁵ Nos anos que Maldidier (2003) caracteriza como mais de fala do que de escrita, seminários contribuíram para as pesquisas com a participação, por exemplo, da psicanalista Elisabeth Roudinesco, Françoise Gadet, Claudine Normand, Régine Robin, a própria Denise Maldidier, entre outros nomes.

⁶ Embora não seja aqui objeto de problematização, seria negligência não mencionar a contribuição de Authier-Révuz na elaboração das noções de heterogeneidade discursiva (AUTHIER-RÉVUZ, 2004). Maldidier (2003, p. 84) narra que “o encontro de Michel Pêcheux e Jacqueline Authier é um verdadeiro encontro intelectual” [...] A heterogeneidade constitutiva de Jacqueline Authier acenava [...] para o interdiscurso de Michel Pêcheux.”

ciências humanas⁷ e em particular no campo da AD, uma vez que o pensamento althusseriano, conforme Gregolin (2007, p. 52), dá “sustentação filosófica e política” à obra de Michel Pêcheux, em especial na busca pelas ideologias presentes nos discursos. Conforme a autora:

o encontro teórico e político entre o estruturalismo e o marxismo, na França dos anos 1960, representou uma tentativa anti-positivista que visou apreender e explicar o entrecruzamento entre a linguagem e a história (GREGOLIN, 2007, p. 33).

Portanto, é sob essa influência marcante do estruturalismo e do marxismo, estabelecendo diálogos com os pensamentos de Marx, Freud, Nietzsche, Saussure, e a partir de releituras críticas desses autores feitas respectivamente por Althusser, Lacan, Foucault e o próprio Pêcheux que o campo da AD se constitui enquanto campo teórico-metodológico:

O final dos anos 60 é, portanto, uma época de releituras de Saussure, Freud e Marx. Pêcheux refere-se a eles como a “Tríplice Aliança” que estará na base do desenvolvimento da análise do discurso (GREGOLIN, 2007, p. 31).

Sousa (2006) também comenta sobre a influência de alguns pensadores na proposta discursiva de Pêcheux, incluindo nesse rol também Mikhail Bakhtin:

Althusser com sua releitura de Marx; Foucault com a noção de formação discursiva, a partir da qual outros conceitos são elaborados, como os de interdiscurso, memória discursiva, práticas discursivas etc; Lacan com suas leituras das teses de Freud sobre o inconsciente que o coloca como estruturado pela linguagem; Bakhtin com seu princípio dialógico da linguagem que serve de base para a

⁷ Gregolin (2007) relata essa influência teórica de Althusser afirmando que alguns jovens intelectuais brilhantes dos anos 1960-1970, mesmo com suas diferenças teóricas, como Lacan, Foucault, Derrida, Bourdieu, Deleuze, Michel Serres, André Comte-Sponville, foram alunos ou frequentaram os cursos de Althusser, como também Dumézil, Barthes, Braudel, Canguilhem, em que Nietzsche e Spinoza também eram lidos.

tese de que o discurso é constitutivamente heterogêneo (SOUSA, 2006, p. 11).

A partir dessas referências e das considerações de Eni Orlandi (PÊCHEUX, 2008; MALDIDIER, 2003), fica evidente o caráter de “entremeio” do pensamento de Pêcheux na construção do discurso como objeto de investigação. Ferreira (2005, p. 41) também retoma Eni Orlandi dizendo que a autora “imputa à AD a condição de *disciplina de entremeio*, uma vez que sua constituição se dá às margens das chamadas ciências humanas”, deslocando conceitos de outras áreas do saber tais como a psicanálise, a linguística e o materialismo histórico para o campo da AD, num trabalho inquietante de Pêcheux em fundar uma nova forma de conhecimento. Conforme Maldidier (2003):

Diante desse novo objeto, a reação foi, muitas vezes, a de tentarem forçar o autor a abrir mão desse objeto, seja integrando-o à linguística, ou à psicanálise ou à história. Não por acaso, mas porque era no campo dessas regiões teóricas e suas contradições que Michel Pêcheux pressentia a importância da instalação desse seu “objeto”, o discurso. [...] era pensando essas regiões do conhecimento, colocando questões delas para elas mesmas, que ele ia estabelecendo um novo território de conhecimento da linguagem, da história (e do sentido), do sujeito (MALDIDIER, 2003, p. 11).

A partir disso, podemos ter uma noção do solo teórico em que as questões relativas ao discurso se desenvolveram. É deste entremeio, solo pouco “firme”⁸, sujeito a deslocamentos e correções teóricas e analíticas que “o projeto de Michel Pêcheux nasceu [...] sob o signo da articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise” (MALDIDIER, 2003, p. 16). Vale lembrar que cada uma dessas matrizes teóricas em separado traz consigo diferentes problematizações teórico-metodológicas e filosóficas, além de suas revisões críticas, feitas nos anos 1960, derivarem diferentes concepções sobre a língua, o sujeito e a história. Gregolin (2007, p. 14) afirma que nenhuma dessas “paragens é tranquila [...] afinal, como poderia ser pacífico o encontro

⁸ Expressão emprestada de Maldidier (2003, p.15): “Michel Pêcheux não construiu no firme”.

entre três pensadores geniais e suas diferentes maneiras de situarem-se frente ao discurso, aos sujeitos e à História?”.

Dessas três matrizes, o materialismo histórico, a partir de Althusser, e o estruturalismo linguístico de Saussure são aqui mais relevantes, pois a partir deles é possível compreender como se opera a articulação entre Linguística e História, contato que, segundo Eni Orlandi, “constitui a materialidade específica do discurso” (PÊCHEUX, 2008, p. 8). Dessas três matrizes, Courtine (2008) também enfatiza a relação entre Linguística e História ao lembrar que

[...] a Análise do discurso na França estabeleceu como seu objetivo, convocando para tanto a Linguística e a História, produzir leituras “objetivas” da ideologia na materialidade dos discursos. A História garantia a constituição de seus *corpora* e a Linguística legitimava as manipulações efetuadas sobre os enunciados. Essa reunião de dispositivos científicos tinha, além disso, uma perspectiva crítica, concebida sob os auspícios do marxismo (COURTINE, 2008, p. 12).

No que diz respeito à Linguística, Mالدیدیر (2003) relata a força que o projeto linguístico de Saussure exerce sobre a problemática do discurso elaborada por Pêcheux, de modo que a centralidade da língua mantém-se invariante ao longo de suas pesquisas. Mesmo com o passar dos anos e das interlocuções com outras áreas do saber, a autora lembra que nos seminários dos anos 1980, a questão da Linguística ainda era essencial, embora colocada sob a perspectiva das discursividades e não mais do tratamento formal da língua.

Desde os primeiros tempos, com a elaboração da “Análise Automática do Discurso”, de 1969⁹, Pêcheux marca firmemente sua entrada no campo da Linguística. Para o autor, além do “funcionamento das línguas em relação a elas mesmas” com sua morfologia, fonologia, sintaxe, há um nível a mais que não deriva da língua e é também constitutivo das significações: “o laço que liga as significações de um texto às condições sócio-históricas desse texto não é de forma alguma secundária, mas constitutivo das próprias significações”. (MALDIDIER, 2003, p. 31). Nesta primeira fase, as

⁹Para Mالدیدیر (2003, p. 19) este é o livro “esboço, o laboratório de uma teoria ainda por vir”, em que se ligam “todos os fios constitutivos de um objeto radicalmente novo: o discurso.”, ao mesmo tempo inaugurador e incessantemente corrigido e criticado.

noções de “pré-construído” e “interdiscurso” são pensadas; a articulação entre Linguística e Discurso torna-se mais explícita e a língua passa a ser condição de possibilidade para o discurso. Em 1975, com “Semântica e Discurso”, livro em que há um aprofundamento dos conceitos, Maldidier (2003, p. 45) lembra que a teoria do discurso já se estabelece e “de fato, o discurso é a figura central do livro. Ele liga todos os fios: da linguística e da história, do sujeito e da ideologia, da ciência e da política”.

Em “O Discurso: estrutura ou acontecimento”¹⁰, já na época da “desconstrução” do projeto pecheutiano, após várias reformulações teóricas e analíticas, Pêcheux ainda reitera o primado do linguístico, afirmando que uma das exigências para se trabalhar com o discurso na perspectiva da estrutura e do acontecimento, é a descrição da materialidade discursiva a partir do real da língua:

a primeira exigência consiste em dar o primado aos gestos de descrição das materialidades discursivas. [...] essa concepção da descrição supõe [...] o reconhecimento de um real específico sobre o qual ela se instala: o real da língua. [...] Eu disse bem: a língua. Isto é, nem linguagem, nem fala, nem discurso, nem texto, nem interação conversacional, mas aquilo que é colocado pelos linguistas como a condição de existência (de princípio) [...] (PÊCHEUX, 2008, p. 50).

Se, conforme Possenti (2009, p. 69), “a questão (do linguístico) é posta como crucial” para Pêcheux, tornando-se permanente ao longo dos anos de pesquisa, o contexto histórico e político de crise do marxismo provocou uma reviravolta na concepção de História até então operada por Pêcheux e seu grupo. Maldidier (2003) menciona que no colóquio “História e Linguística” de 1983, já no ano final dos trabalhos do autor, os reajustes propostos dizem respeito mais a conceitos provenientes da História do que da Linguística. Neste colóquio, o materialismo histórico¹¹ e a “antiga

¹⁰ A publicação deste livro acontece em 1988, após a morte do autor, tendo sido proferido por Pêcheux na Conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: Limites, Fronteiras, Restrições”, na Universidade de Illinions Urbana-Champaign, entre 8 e 12 de julho de 1983 (PÊCHEUX, 1997).

¹¹ Tendo por referências as noções de “ideologia” e “contradição na luta de classes”, a perspectiva materialista da história força uma “sobredeterminação” da teoria sobre os

concepção de condições estáveis e homogêneas de produção vindo determinar ‘o que pode e deve ser dito’” a partir de um saber histórico exterior ao *corpus* da análise, são concepções que passam a ser problematizadas (MALDIDIER, 2003, p. 92-93).

Uma concepção histórica interna ao próprio campo discursivo, sendo possível traçar “trajetos temáticos”, construir sequências discursivas e analisar os deslocamentos enunciativos na própria materialidade discursiva, em momentos históricos distintos, começam a fazer parte das análises. Sargentini (2010) e Maldidier (2003) relatam a importância de alguns linguistas e historiadores do discurso nesta mudança de concepção histórica: Regine Robin, com sua obra “História e linguística”, Jacques Guilhaumou e Jean-Jacques Courtine. No caso da noção de “trajeto temático”, o texto de Guilhaumou e Maldidier (1994), “A análise do discurso no lado da História”, ilustra essa perspectiva de inscrição da história no interior dos discursos. Courtine ocupa um lugar específico neste percurso, pois é ele quem, nas palavras de Gregolin (2007), “traz Foucault para a análise do discurso” e com ele a concepção de uma “nova história” começa a adentrar o campo da AD.

Como é sabido, o marxismo, na releitura de Althusser, é uma das bases epistemológicas de constituição do campo da AD. Sarfati (2010, p. 108) afirma que, “de maneira dominante, o marxismo althusseriano, cujos questionamentos (ideologia) e objetos (teoria do poder, lutas sociais e políticas) constituem o fundamento comum dos teóricos franceses”, foi o pano de fundo teórico não só para Pêcheux, mas também para outros autores franceses como Michel Foucault, e tinha por objetivo “a desconstrução racional da dimensão discursiva das ideologias” (SARFATI, 2010, p. 114). Gregolin (2007) corrobora essa tríplice relação teórica e traça um “triângulo” de influências e apropriações diferenciadas da teoria de Althusser por parte de Pêcheux e de Foucault, sendo o primeiro professor dos dois últimos.

É principalmente no artigo de Pêcheux intitulado “Língua, linguagem e discurso” de 1971 que, conforme Maldidier (2003, p. 32), “o materialismo histórico e a teoria das ideologias [...] dá seu verdadeiro fundamento ao discurso”, sendo a relação entre língua,

objetos da análise discursiva, de modo que ganha relevância a concepção de que os discursos são formas de dominação (MALDIDIER, 2003; SARGENTINI, 2010).

discurso e ideologia fundamentada, em grande medida, a partir do texto de Althusser, “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas a uma pesquisa)”, de 1970¹². De acordo com Gregolin (2007), os anos de 1976-1979 vão de um percurso ainda fortemente marcado por uma “militância” de Pêcheux no revigoramento das ideias marxistas em seus textos, a um desencantamento do autor com a política do Partido, muito em função da exposição dos crimes cometidos pelo regime stalinista, o que resulta em um período de autocrítica e reajustamento do projeto político da AD.

Nos textos pecheutianos desse momento, seus “lugares de fala” estão atravessados pela paixão dos debates entre marxistas sobre as questões da linguagem e da política. Seguindo alguns desses textos, podemos verificar que eles apresentam uma grande ruptura: o contraste é evidente entre os anos 1976-1977 (ainda dentro de uma perspectiva do Programa Comum das esquerdas e de um marxismo “inabalável”) e os anos 1978-1979 (quando se expressa o desencanto com a política do Partido) (GREGOLIN, 2007, p. 118).

Na esteira desses acontecimentos, a partir dos anos 1980, inicia-se uma “desconstrução” das bases epistemológicas e teóricas do projeto que vinha sendo construído desde os anos 1969. Gregolin (2007) pergunta-se:

quais eram os grandes problemas teóricos do projeto althusseriano dos quais Pêcheux tinha que se desembaraçar para poder dar conta das grandes mutações que ocorriam na França no início dos anos 1980? (GREGOLIN, 2007, p. 153).

Dentre eles, a autora dá ênfase à necessidade de se distanciar da leitura marxista que, nas palavras de Courtine, reduz “o histórico ao político, o político ao ideológico, o ideológico ao discursivo, o discursivo ao sintático” (COURTINE, *apud* GREGOLIN, 2007, p. 153).

Além desses problemas teóricos, há também fatores sociais, políticos e econômicos que propiciaram a “desconstrução” do projeto pecheutiano. Gregolin (2007) e Courtine (2008) lembram que durante

¹² No que diz respeito ao marxismo althusseriano e sua influência na AD, ver Sarfati (2010) e Gregolin (2007).

os anos 1980, um conjunto de fatores favoreceu o “refluxo e, depois, a derrocada do marxismo na vida intelectual na França (o que) contribuiu para apagar a perspectiva histórica e crítica, em proveito exclusivamente da técnica linguística”. (COURTINE, 2008, p. 12). Dentre esses fatores, Courtine (2008, p. 13) refere-se ao “declínio da classe operária tradicional e, com ela, do Partido com o qual ela estava historicamente ligada, o recuo do marxismo no universo intelectual, a falência do regime soviético e a onda propagada pela queda do muro de Berlim [...]”. Gregolin (2007) acrescenta a esse cenário o

estilhaçamento do saber que se produziu a partir dos anos 1980, definido pela nova geografia política, o fim das grandes narrativas, a crise dos paradigmas, a formação dos grandes blocos econômicos, a globalização, o desenvolvimento dos meios digitais, a Internet etc. (GREGOLIN, 2007, p. 11).

À crise do marxismo, somam-se o declínio do estruturalismo e a morte de autores, nos anos 1980, que participaram direta ou indiretamente da fundação de um projeto discursivo tais como Pêcheux, Althusser, Foucault, Barthes, Lacan, também contribuiu para a reconstrução do projeto. Acontecimentos que inclusive favoreceram também a diversificação das análises – além do discurso político, objetos discursivos de outras naturezas também passaram a ser analisados, já que as “condições de produção dos discursos no espaço ocidental” haviam sido profundamente modificadas¹³. (COURTINE, 2008, p. 13). Ferreira (2005, p. 45) também comenta sobre a diversificação de interesses por parte dos analistas do discurso na escolha de seus objetos, ao colocar que “temas sociais (imigração, movimento sem terra, greves), “diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano)” ou “questões estritamente teóricas (hiperlíngua, autoria, sujeito do discurso)”, passaram a integrar a análise discursiva, extrapolando bastante a análise do discurso político, indicando aí mudanças de concepção em seu projeto inicial.

Toda essa conjuntura acentua o processo de “abertura” e renovação teórica por que passa a AD nos anos 1980. Sargentini

¹³ O livro “Análise do discurso: heranças, métodos e objetos” (2008) organizado por Sargentini e Gregolin é uma boa referência para tratar desses deslocamentos de objetos na AD.

(2010) comenta que nestes anos, na França, houve uma redução da “espessura histórica” nos trabalhos de AD, com o risco de o campo ter suas questões reduzidas à “descrição gramatical”, num rompimento do diálogo entre historiadores e linguistas. Para Gregolin (2007),

A saída do althusserianismo, o início de uma desconstrução teórica e o desaparecimento de seus principais formuladores (Pêcheux, Althusser, Foucault) levou a análise do discurso francesa a uma guinada para o lado da ‘gramaticalização’, isto é, desmarxizando a sua base, os trabalhos passaram a fixar-se no intradiscursivo, deixando em suspenso aquilo que se anunciara no período de 1980-1983, isto é, a possibilidade de pensar o discurso no interior de um feixe de relações entre a língua e a história. (GREGOLIN, 2007, p. 183).

Sargentini (2010, p. 99) lembra, no entanto, que os trabalhos foucaultianos abrem uma “fresta” nesse diálogo interrompido entre a Linguística e a História e, “ao mesmo tempo rejeitado por uns e admirado por outros, (Foucault) combate uma história de causalidade e continuidades, questiona os dogmas, duvida da verdade dos fatos.”. A entrada do pensamento de Michel Foucault no campo da AD acontece, portanto, num período de “desconstrução-reconstrução” do projeto pecheutiano e promove uma nova maneira de se pensar as discursividades, principalmente, a partir de uma perspectiva arqueológica que dialoga com os postulados da Nova História.

Em Paula (2014), uma tentativa de explanação de como o pensamento de Foucault adentra o campo da AD é desenvolvida e, embora este seja um outro percurso de compreensão o qual desdobra-se na inflexão arqueológica das análises e na consequente descrição histórica dos acontecimentos discursivos, objeto de problematização para uma outra ocasião, o estreitamento entre Discurso e História reserva uma perspectiva crítica de análise e para isso o pensamento de Foucault muito contribui à análise discursiva.

De acordo com Gregolin (2003), dentre os quatro nomes fundamentais que vão influenciar as propostas discursivas de Michel Pêcheux – Althusser, Lacan, Bakhtin e Foucault – este último, com “A Arqueologia do Saber”, “assinala várias questões que serão incorporadas à Análise do Discurso” e, mesmo com algumas diferenças teóricas e ideológicas, as noções de *formação discursiva*,

acontecimento discursivo e a perspectiva da Nova História são importantes influências para o projeto pecheutiano. A parte essas influências e incorporações, a questão importante é perceber, ainda que Foucault “não teve o intento de se colocar como fundador de um campo disciplinar – como a Análise do Discurso – e suas pesquisas não caminharam nessa direção”, (FERNANDES, 2012, p. 13), que sua obra teve forte influência nos anos finais do projeto pecheutiano, somando-se à análise linguística uma perspectiva histórica bastante profícua para a construção das noções presentes no interior do campo da AD, ampliando a abrangência da análise discursiva e sua dimensão crítica.

3 Perspectiva crítica da análise discursiva: últimas considerações

Além de compreender as bases epistemológicas e o modo de operar do campo da AD, mapear suas diferentes abordagens teóricas, fazer o percurso das matrizes epistemológicas que fundamentam a análise discursiva de Michel Pêcheux e ressaltar a relação Discurso/História, indicando a proficiência do pensamento de Michel Foucault às análises, foi indispensável para compreender algumas nuances relativas ao próprio campo dos estudos discursivos. Embora as abordagens teóricas sobre o discurso transitem nos entremeios da Linguística, da História e das teorias do sujeito, ocorre de elas gravitarem com maior ênfase em torno de um desses eixos, como é o caso, por exemplo, da proposta de Michel Pêcheux que não abandona, mesmo após muitas reformulações teóricas de seu projeto, a primazia da Linguística; ou de Michel Foucault que, com a perspectiva da Nova História, influencia as análises em uma maior “espessura” sócio-histórica (SARGENTINI, 2010). Saber disso pode ser, para iniciantes no modo discursivo de exercer o pensamento, um percurso facilitador à compreensão, uma vez que adotar posicionamentos teórico-metodológicos em um campo científico transdisciplinar e de “entremeio”, como é o campo da AD, pode ser uma tarefa não tão simples.

Feita essa consideração e buscando um estreitamento da relação entre Discurso e História, uma crítica aos estudos discursivos que conferem relevância à dimensão meramente aplicativa de conceitos operatórios a objetos, negligenciando a dimensão sócio-

histórica dos discursos, se configura e reforça a problematização preliminar do início deste artigo: a ênfase na constituição histórica do campo e na relação Discurso/História alerta no sentido de não reduzir a AD a uma metodologia utilizada meramente para fazer análises instrumentalizadas de “panfletos políticos”, “enunciados publicitários” ou “recortes de imprensa”, numa tentativa pouco criteriosa de partir para análise dos objetos discursivos sem compreender as nuances epistemológicas e teóricas que constituem um campo científico caracterizado como “de entremeio”. Esse apontamento crítico deriva da percepção de que relegar a segundo plano a dimensão histórica e crítica que a análise discursiva pode conferir aos estudos das práticas sociais, sejam elas discursivas ou não, é deixar de contribuir com a desconstrução dos estereótipos que modelam pensamentos e práticas e se mantêm enquanto regimes de verdade, sendo reproduzidos sem um posicionamento crítico diante das práticas sociais e acadêmicas.

Ao comentar sobre a noção de discurso numa interlocução com o pensamento foucaultiano, Veyne (2009) apresenta o discurso como quadros sócio-históricos formais, fenômenos singulares, ideias gerais acerca de objetos discursivos, construídos conforme as concepções, os saberes e os regimes de verdade característicos de cada época. Na metáfora dos discursos como “aquários transparentes”, o autor lembra que “Cada um só pode pensar como se pensa no seu tempo” (VEYNE, 2009, p. 18), o que promove certa “ilusão tranquilizante” da realidade uma vez que, ao ignorar essa condição, as singularidades dos discursos ficam por vezes desconhecidas já que elas permanecem, em grande medida, invisíveis, implícitas, inconscientes, não ditas, funcionando como pressupostos estereotipados, apresentando-se como verdadeiros: “As falsas generalidades e os discursos variam através do tempo; mas, em cada época, passam por verdadeiros. De tal modo que a verdade é reduzida a dizer a verdade” (VEYNE, 2009, p. 19).

Se a dimensão analítico-operacional se faz necessária ao campo da AD, num cotejar entre teoria/objeto/análise, (GREGOLIN, 2013), não se restringir a ela e ampliar o recorte da análise à dimensão histórica, oferece ao pesquisador a possibilidade de efetuar a dimensão crítica tão relevante às ciências humanas e sociais. Sendo também esse o propósito do campo da AD em sua constituição histórica, tal proceder crítico é uma escolha mais assertiva na direção daquilo que propõe Gregolin (2013) quanto ao objetivo da AD: o de identificar os

sentidos inscritos nas e atuantes pelas materialidades discursivas, sejam elas verbais ou não-verbais, estando presentes nos ditos ou escritos, nas crenças, práticas, saberes e/ou nos mecanismos e procedimentos institucionais e, nessa identificação, desconstruí-los por meio da crítica aos discursos naturalizados, essas “ideias gerais” construídas conforme “as concepções, os saberes e os regimes de verdade característicos de cada época” (VEYNE, 2009).

Dar ênfase à “espessura” sócio-histórica dos discursos e efetuar leituras mais críticas e menos operacionais dos discursos é uma maneira de denunciar o caráter arbitrário, autoritário, estratégico e dominante de se exercer poder por meio das discursividades. Tomando por referência o pensamento arqueológico de Michel Foucault, Veyne (2009) sugere, na mesma direção de uma análise crítica da linguagem, que esse pensar por meio de estereótipos, de falsas generalidades que se passam por verdadeiras, pode ser desnudado por meio de uma analítica. Os discursos são objetos passíveis de análise até que suas singularidades sejam captadas, seus estereótipos sejam apagados, suas historicidades sejam descritas, seus efeitos de sentidos inscritos na materialidade linguística sejam esquadrinhados, até que o conjunto de “elementos dispostos em seu redor: costumes, palavras, saberes, normas, leis, instituições [...]” (VEYNE, 2009, p. 15) seja mapeado e suas diferenças últimas identificadas.

Porque cada vez que se atinge essa *differentia ultima* do fenômeno que consiste no discurso que o descreve, descobre-se infalivelmente que o fenômeno é bizarro, arbitrário, gratuito. [...] Balanço: quando se foi assim até ao fundo de um certo número de fenômenos constata-se a singularidade de cada um e a arbitrariedade de todos [...] (VEYNE, 2009, p. 18).

Referências

AUTHIER-RÉVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Tradução de Heloisa Monteiro Rosário. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. Tradução de Carlos Piovezani e Nilton Milanez. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 11-19.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

_____. *Discurso e sujeito em Michel Foucault*. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. Discurso, história e arqueologia (entrevista com Jean-Jacques Courtine). In: MILANEZ, Nilton; GASPARG, Nádea Regina (Org.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17-30.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org.) *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 39-46.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso, herança e filiações: uma questão mal resolvida. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 37-46.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos & duelos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

_____. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar; SANTOS, João Bosco (Org.). *Teorias Linguísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: UFU, 2003.

_____. J.-J Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 21-36.

_____. As bases epistemológicas da AD face aos objetos da mídia. (minicurso) IV Encontro em Análise do Discurso: fundamentos epistemológicos e abordagens metodológicas. UNESP/Araraquara: agosto de 2013.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da História. Tradução de De Suzy Lagazzi e José Horta Nunes. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. Tradução de Betânia S. C. Mariani [et al]. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994. p. 163-181.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso - (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O objeto de ciência também merece que se lute por ele. In: MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso - (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi – Campinas: Pontes, 2003. p. 9-13.

PAULA, Carine Fonseca Caetano de. *Sobre saberes e verdades: as discursividades científica e feiticeira no livro-enunciado de Carlos Castañeda*. 2014. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica especial de Letras e Linguística, Catalão-GO, 2014.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 5. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. Legados de Michel Pêcheux e paradoxos da Análise do discurso no Brasil. In: _____. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. Tradução de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2011. p. 7-38.

POSSENTI, Sírio. Sobre língua e discurso. In: _____. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SARFATI, Georges-Eliá. *Princípios da análise do discurso*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Ática, 2010.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: MILANEZ, Nilton; GASPAR, Nádea Regina (Org.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 95-102.

SOUSA, Kátia Menezes de. Um nó na trama discursiva: a constituição da Análise do Discurso na Faculdade de Letras/UFG. *Signótica Especial*, n. 2, p. 9-19, 2006.

VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Tradução de Luís Lima. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

Recebido em: 15/07/2014

Aceito em: 30/07/2014